



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

8 DE DEZEMBRO DE 1956
Ano XIII — N.º 333 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales do correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO



AFRICA — 1952

Facetas de uma Vida

O Américo manteve correspondência comigo e contava-me a odisséia da sua vida, com recomendação de não desvendar o segredo, que afinal se veio a descobrir. Teve de restituir o dinheiro da passagem ao Manuel Mendes. Pena tenho de não ter conservado as suas interessantes cartas, para recompor os episódios daquele tempo.

Com o suficiente conhecimento do Latim, vestiu o hábito franciscano em Agosto de 1924, entrando no Noviciado no convento de Vilarinho da Ramalhosa, na Galiza. Aqui, a disciplina regular mais apertada e o isolamento obrigatório de vida recolhida, mais exigentes, afrouxaram-lhe os movimentos e a saúde ressentiu-se.

Fugindo aos regulamentos do Noviciado, procurava distrair-se em visitas de conforto ao octagenário Frei Matias, entrevado e cheio de dores, que penava em cela próxima do Noviciado. Doía-lhe o coração a pobreza deste convento,

abrigo dos franciscanos exilados, sem enfermaria confortável para tratar dos seus doentes. No desconforto de uma das suas celas tinha expirado o grande e eminente Cardeal D. José Sebastião Neto, cujas virtudes heróicas o Frei Américo muito admirava. Numas das suas cartas escritas de Vilarinho dizia-me que ao professor havia de dispor de bens para resolver esta situação.

Mas o Américo não chegou a professor. O P. Provincial, ao considerar o seu temperamento e fina sensibilidade que lhe prejudicava a saúde, já muito abalada, julgou prudente e preferível aconselhá-lo a entrar num Seminário em Portugal.

A proposta fulminou-o. Ele queria ensinar. A vida de S. Francisco entusiasmava-o; era o modelo das suas aspirações.

O Padre Provincial não apresentou o seu nome à votação da Comunidade e o Frei Bernardo, enfermeiro do Frei Matias, procurou confortá-lo com argumentos de boa amizade. Foi o próprio Frei Bernardo quem, durante uma visita feita no fim do mês de Setembro do corrente ano a Vilarinho, me contou a maneira como o animara: «Era a saúde a precisar de especiais cuidados e de ares pátrios e a vantagem de se poder ordenar mais depressa do que se tivesse de acompanhar nos estudos os companheiros de Noviciado». O Frei Américo conformou-se e saiu.

O Senhor Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, não o quis aceitar. Já tinha recebido outro de idade madura e não tencionava repetir a experiência.

D. Manuel Coelho da Silva, embora com fama de rigoroso e muito exigente, recebeu-o no Seminário, com singular recomendação do franciscano P.º Inocêncio do Nascimento, e, as suas qualidades o Senhor Bispo muito apreciava.

O Américo era piedoso, inteligente e aplicado. Ao cabo de três anos, com a saúde avariada, ordenou-se.

Quando no fim do mês de Agosto de 1936 deixei Moçambique e embarquei para a Metrópole, fui encontrar o P. Américo em Coimbra, encarregado da Sopa dos Pobres, instituição caritativa, fundada pelo seu Prelado em Março de 1932. Funcionava no edifício do Patronato, outra fundação protegida pelo apostólico bispo.

Servia ali de capelão quando um dia, nessa altura, lhe bati à porta. No recolhimento do seu quarto, a ambos nos afluíram à memória saudades de conversas antigas. Perdurava a amizade daquele tempo. Foi um transbordar de lembranças acesas pela imagem de S. Francisco de Assis, que tinha na sua frente. Por sua vontade teria sido professor franciscano.

Altos são os desígnios de Deus!

O Padre Américo, se professasse, obrigado à observância da disciplina claustral, não poderia ter a liberdade, que

— Continua na 3.ª página —

COBRANÇA

No escritório da Administração é uma azáfama. Fichas dos assinantes novos que chegam todos os dias. Listas provisórias com os endereços dos mesmos. Outras listas para o «Araújo & Sobrinho» fazer as chapas que hão-de endereçar definitivamente na nossa Cithograph. Correspondência a aviar e dela aviada. E, como se não bastara, agora é uma rima de recibos e de impressos dos Correios para lembrar os distraídos de um, dois... até sete anos de atraso.

Que tem de trazer a cobrança não fosse precisa! Era uma economia de tempo e de atenção, que ficavam de reserva para os mil assuntos que os nossos assinantes nos trazem em suas cartas.

Eles queixam-se às vezes de certos deslizos dos nossos «funcionários» e têm sua razão. Eu também ralho. Mas a verdade é que o movimento é muito e são só Avelino e Coco e Roque e o Tomar, nas horas livres de meu «secretário». Se não viesse ainda a cobrança complicar o «trânsito», que bom que seria!

Entretanto ela vai saindo. Em Lisboa e Porto, até ao J., já estão entregues do recado. Agora preparem-se os Josés e os Manueis e as Marias. Isso é que vai ser uma precisão comprida! Esperamos que todos leiam o aviso e se vão preparando para a resposta. Se os próximos alvejados quiserem tomar a dianteira e se desobrigarem antes de os descobrirem, saberão que prestam óptimo serviço.

CRIADITAS DOS POBRES

Com a simplicidade da «festa» da entrada, foi inaugurada a «Infantário Pai Américo». Elas quiseram que se chamasse assim. É justo. Ele seguiu aquela Casa, pedra a pedra. Amou-a como bandeira da Cruz içada sobre o Bairro D. António Barroso, a dizer que ali se vai fazer cristandade. Pai Américo não era homem de «capelas imperfeitas». Dar uma casa é muito. Mas a sua intenção sacerdotal ia mais longe. Ele queria abrir o Céu àqueles que correm perigo de não ir a Ele, por falta de recursos terrenos que são fundamentais.

Aquele bairro, na escarpa de Miragaia que pareceu inóspita e hoje é presépio de muitos encantos, foi a menina dos seus olhos. Por isso, desde a primeira hora ele sonhou a cúpula que já não viu no seu lugar: As Criaditas levando Cristo àquelas moradas que foram erguidas para trono onde Ele reine sobre as vinte e oito famílias que as habitam.

A varanda que espreita da cozinha é uma ponte de comando: abarca todo o Bairro. Na única parede, costas com costas do pequenino altar onde o Senhor Bispo celebrou pela vez primeira o Sacrifício,

ficou um nicho inacabado. Aí será um azulejo com o seu retrato, a dominar aquele grupo de casas que são abrigos de almas que ele serviu e amou.

Infantário Pai Américo — bandeira erguida diante dos homens a dizer-lhes que a Cruz é o sinal da única vitória com que se vence o mundo e se conquista a eternidade! Como ele deve ter acompanhado,

do, feliz, a pequenina «festa»! O Senhor Bispo falou desta sua «presença». E disse mais, às Criaditas e a nós, da «disponibilidade» que deve ser marca dos chamados por Deus e que encontramos modelar em Nossa Senhora, cuja apresentação no Templo nesse dia se comemorava.

No exercício desta disponibilidade — Continua na 4.ª página —

SETUBAL

A distância que separa a nossa Casa da cidade é relativamente pequena, sete quilómetros apenas. Por isso, andamos a todo o instante por Setúbal, às compras, tanto mais que em sítio ermo como aquele em que vivemos tudo falta. Outro dia, aproveitei uma ida, para subir ao «bairro da folha». A meu lado, caminhava em silêncio o Crisanto, o chefe maior. A feição comum destes locais de habitação lembra os congéneres de Lisboa e Coimbra, se bem que aqui menor densidade, ainda que não a quantidade de situações familiares a reclamar melhoria de nível. De beco em beco, sobre piso arenoso, os constantemente assediados por crianças que espreitam ao postigo, que saem para a rua e nos seguem, que se afoitam e estendem a mão: «dê-me um tostão!» Já no bairro dos pescadores observa-se igual afluência de crianças pela rua. Setúbal é a cidade da criança. E presenciamos a que mais carece de amparo à infância. O problema impõe-se com agudez e o facto de, retardar torna-o mais insolúvel. A cada passo nos largos, nos jardins, com bandos de crianças. É um mundo delas a chilrear por toda a parte. Em cada recinto livre, a bola salta nos pés de multidões de rapazes. As escolas primárias funcionam superlotadas, as secundárias do mesmo modo e a margem direita do Sado apresenta igual aspecto.

— Continua na terceira página —

Da que nós necessitamos

A instalação da automática veio levantar o problema do espaço vital. A Tipografia tem sido a oficina do empurrar. Veio depois das outras. Instalou-se no edifício construído para as outras. E acabou por lhes anexar todo o prédio. Agora, sôzinha embora, luta de novo com falta de espaço. Para lhe dar remédio andam muitas ideias no ar. Não sabemos ainda qual será a preferida.

Esta quinzena a máquina levou grande avançada. A rua dos Clérigos veio entregar para a necessidade mais urgente da Casa do Gaiato à beirinha dos 28 contos e meio. Claro que se destinaram logo à Johannesburg. Eu já dei fé que tenho dito muitas vezes «é para a automática», porque a malta quando sabe dum donativo mais «tal», repete logo: «Já sei. É para a automática». Ora com outras parcelas mais pequeninas ficamos em 387—29 = 358 contos.

Muitas promessas que têm sido cumpridas e muitas acções de graças que têm sido dadas. Os 20\$ mensais de M.

J., de Gaia. Mais a subscritora de Tomar prá «viúva de 8 filhos» e muitos donativos pró Barredo.

Da Beira, 100\$ e 300\$ do Abílio e do António, dois dadores de sangue. Torneando o Cabo da Boa Esperança e guinando ao norte chegamos a Angola. De Carmona, 20\$ e a notícia de que ali vai ser inaugurado o «Colégio Pai Américo». Do outro lado do Atlântico fica o Brasil. É a Rua de S. Januário, no Rio, com 500\$ «para ajuda do Natal de todos esses meninos». Mais ao norte fica Newark com 5 dólares.

O amor filial dá impulso a muitos movimentos dum mais largo amor do próximo. Assim 50\$ «tirados do 1.º ordenado do meu filho». É da Ericeira. 20\$, oferta de uns noivos e 500\$, «em acção de graças de meus filhos terem vencido o ano passado nos seus estudos», com desculpas pela demora.

Nós não podemos dar nota de tudo quanto aqui vem dar por tantos e tão variados caminhos. Seria o Jornal todo por conta desta coluna e mes-

mo assim arriscávamo-nos a deixar algo de fora. Mas há uma secção que gostaríamos sempre de não falhar em um só sequer dos seus elementos. São os grupos de gente humilde, grupos excursionistas, ou de trabalhadores.

O pessoal da Mobil Oil volta com 51\$00. Trezentos das alunas de «Corte e Bordados» das máquinas Meister. Quase metade do Pessoal dos Armazéns do Anjo, com promessas de regresso. Os empregados da Adico de Avanca aparecem semanalmente. Os operários da fábrica de Sedas Santos & Lima, 1.000\$. E os clientes da Casa Lamas da Rua de Vila Cova foram solicitados e deixaram a contribuição de 471\$.

Agora os grupos excursionistas e desportivos. «Juventude Atlético Ataense» com 50; mais 10 do «Lusitano» de Campanhã; o mesmo dos «Convenionistas» de Gondomar; mais 5\$ do que estes últimos, do «Viva a Régua». O mesmo do «Grupo de S. Caetano de Rio Tinto. E os «Amigos do Carvoeiro» com 186\$ e os de Lavadores com 241\$00.

«Familiar de Costa Cabral» com 527\$60 e o Atlético Club de S. Romão com 1.000\$00, dois pneus e 4 cobertores.

Mais, de uma casinha — mealheiro posta nos Correios da Batalha 245\$. Há destas casinhas noutros lugares frequentados pelo público. Na impossibilidade de ir a todos eles pedimos aos «devotos» que foram da iniciativa, o favor de ir mandando para aqui ou para o Depósito nos Clérigos 54, o produto que lá for caindo.

Remédios de Carviçais e esta declaração de amor: «Devoro com avidez «O Gaiato» que minba mulher assina há anos e é o meu brevíário de Bemfazer». É um médico. B. C. com 50\$ para o que se julgue mais conveniente. Vinte dum «pobrezinho». 270 de A. B. Figueira de Castelo Rodrigo 20. É uma lecionista amiga dos gaiatos. Agora é um cidadão do Celeste Império—creio eu — Li Shon Beou: 100\$.

Óleo de fígado de bacalhau dos Armadores do dito. Grandes protestos e caretas dos que o tomam e grande proveito dos mesmos. Montemor-o-Novo 1.500\$. S. Jacinto 20\$, resto de uma assinatura de um filho paga por sua mãe. «Uma grande pecadora» com 50\$. Dez vezes mais de Coimbra, para perfazer os mil duma promessa. Cabeceiras de Basto, 40\$. É letra já muito nossa conhecida de recados semelhantes. Da Granja, duas alianças «para o primeiro gaiato que casar». Vinte de Ranhados. Quatrocentos dum Dr. em Economia e Finanças, que não esqueceu Património e Calvário e Barredo e Conferência. Se mais obras houvesse... «Uma algarvia» 50\$. O dobro «para o que fôr mais necessário» e 20\$ de B. M.

Camisolas e retalhos de Al-

Património dos Pobres

Da entrega das encantadoras casas de Parede e da Assembleia Vicentina que foi um grande acto de presença e de amor aos Pobres, partimos em direcção ao Alentejo.

Era noite quando chegamos à vila de Alvito. O pároco desta vila prometeu começar ali com dez e outras tantas na

POR PADRE HORÁCIO

freguesia de Vila Nova. A Câmara prometeu o terreno e o mais que puder.

Dali seguimos para Viana do Alentejo onde estão muitas já feitas e habitadas e outras em acabamento. Sentimos a alegria dos seus moradores que nos alumiarão amorosamente com candieiros de petróleo e fósforos. O senhor Prior falou-nos que no fim de entregar mais estas vai construir uma residência paroquial. Felicitamo-lo, pois que se incomodou primeiro com aqueles que nada tinham e agora achamos muito bem que cuide também de si e dos seus sucessores, deixando à freguesia uma casa paroquial.

De passagem por Beja, o Sr. Bispo qu' nos por hospede.

Na diocese de Beja o Património e o Amparo dos Pobres caminham em maré alta. O Bairro para os Pobres da cidade é uma afirmação do alto amor do seu Bispo.

UMA CARTA

«É com a maior comoção que venho agradecer, do fundo da alma, o que para mim tem representado «O Gaiato». Foi qualquer coisa de novo que despertou em mim a compreensão de quanto é vã e inútil a vida se não nos empenharmos em suavizar a sorte dos desamparados, o desejo ardente de me sacrificar um bocadinho pelos que nada têm. É tão grande, tão consoladora a alegria que nos vem de espalhar um pouco de felicidade à nossa volta e há tantos infelizes que não a conhecem!

Inteiramente feliz até agora, vi-me de repente atravessando uma grave crise na minha vida; só o auxílio de Deus e o muito que tenho rezado me tem ajudado a vencê-la, o auxílio de Deus e «O Gaiato». Muitas, muitas vezes, quando as lágrimas me corriam, eu pensava nas palavras de fé e esperança do Gaiato e isso me dava um pouco de coragem.

E agora, quero enviar um pouquinho, o resultado de um pequeno sacrifício, para com ele contribuir com uma pedra para uma casinha do Património dos Pobres. Com a ajuda de Deus, espero que não seja a última e peço apenas umas orações dos «gaiatos» por minha intenção; serão as mais puras, as mais belas, mais bem recebidas por Deus, pois são as orações de crianças pobres.

Mais uma vez, a minha eterna gratidão».

A caminho da Aldeia Nova de S. Bento, onde estão seis famílias já abrigadas e outras à espera, passámos por Serpa e encontrámos o novo pároco com vontade de começar.

Em Pias estão em preparativos para vinte. Em Moura muitas em acabamento e muitas e boas vontades de construir as que forem necessárias. Nesse dia e na minha presença, o pároco daquela vila recebeu dez e nove contos de paroquianos.

Fomos também visitar a Casa da Divina Providência de Safara. O Sr. Prior não descansa até ver os seus em condições de vida humana. O seu livro encheu-nos a alma.

Em direcção ao Norte, passamos pela maior aldeia de Portugal, segundo nos disseram. A Amareleja fica já muito perto da Espanha. Muitas necessidades e o pároco com vontade e com tudo preparado para dez. Deus lhe dê forças e coragem e toque todos os habitantes daquela terra.

Em Reguengos de Monsaraz estão dez prontas a habitar e esperança de continuar. Quem passar o caminho de Mourão não vá para a frente sem contemplar.

No Alandroal e no Redondo tudo está preparado: terreno e o resto.

Em Montemor-o-Novo sentimos a alegria de muitas famílias a agradecer a Deus e a quem lhes deu a sua casinha.

Agora onde nos ficaram os olhos foi no arranjo e nas flores das casas de Arroios e no plano que o Pároco e Vicentinos têm para seu Calvário. Ali é centro do Sul. Quem quiser, vá ali beber.

Em Estremoz um dos párocos anda atarefado com três e à procura de terreno para muitas mais. O senhor Presidente da Câmara está totalmente a seu lado.

A propósito diremos que há dias um senhor Presidente perguntava se já alguma Câmara tinha fechado os olhos a licenças e a plantas e nós respondemos que todas os têm fechado e têm ido além e ajudado a construir. Nós estamos a fomentar uma obra profundamente nacional e totalmente portuguesa.

O senhor Prior de Cano tão depressa tenha a sua igreja restaurada, pega logo no terreno que lhe deu a Junta. Em Benavila está uma pronta e vontade de mais. Em Alter do Chão tudo está preparado para muitas.

Em Peso de Tortozendo estão a andar; e na Vila estão com trinta e oito e os vicentinos aflitos com falta de dinheiro. Têm razão para estar esgotados. Nunca ninguém esperava tantas. Parabéns e bem hajam.

Na Covilhã, as doze já prontas são o mirante da cidade. As famílias que as habitam são das mais numerosas que encontrámos.

Que bem nos sentimos ali! A Câmara prometeu construir uma escola e bem precisa é. Toda a cidade está mais

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Há dois irmãos em certo lugar de Fânzeres propagandistas dedicados. Um deles veio, em serviço, à nossa aldeia. Encomendou trabalho à Tipografia e pagou. Findo o «negócio» encetámos uma pequenina conversa. Motivo: assinantes. Ali há bastantes e procurámos avaliar da possibilidade de angariar mais. Fizemos, até, um pequenino «sermão». No fim, qual surpresa, o nosso bom amigo fita-nos, sorri e segreda: «Olhe, meu irmão tem uma barbearia. Freguês que lá apareça não escapa — é convidado a assinar o vosso jornal». E reforçando a voz, continua: «Fique sabendo, já passa de trinta os assinantes que temos mandado para cá! Exultámos. Tanto pela quantidade como e sobretudo pelos trinta e tal assinantes serem produto do esforço conjugado de Dois Irmãos. Irmãos unidos. Quanto pode o Amor por uma causa justa! Acabámos a conversa. Despediu-se. Nós ficámos, presos à secretária. Ele, já a bater a porta grita: «Não se aflija. A gente temos trabalhado com gosto». Vem lá mais de Fânzeres! Vem sim senhor: «A gente temos trabalhado com gosto».

Agora são muitos os que chegam «isolados». Por isolado saiba-se que é aquele ou aquela que, tocado por algum «sermão» de leitor ou leitora propagandista, quicá pela leitura dum jornal encontrado algures, escreve para cá a pedir assinatura. De entre os ditos chega a atingir-se a perfeição. Que sintéticos! Um, até, rapa dum postal e diz sômente: «Desejo assinar o Gaiato». Nome e direcção. Mais nada! Ora estes, os de poucos palavras, são muito da preferência dos encarregados da secção do jornal: Tomar, Roque & C.º Quando eles aparecem esfregam as mãos de contentes! Porque lhe facilitam o trabalho. Ora nós respeitamos uns e outros. Os que dizem muito e os que dizem pouco. Cada um escreve, exprime-se, consoante a sua maneira de ser.

Um assinante de algures — cautela senhores, que as senhoras estão a dar que falar — pede mais uma circular. Por circular tornamos a informar que é a lista oficial da Campanha. Na sua carta afirma: «Espero arranjar mais alguns assinantes se Deus quiser. O meio, aqui, é mau, pois só no verão tem movimento como em todas as praias onde se não faz vida própria». E termina assim: «Agradeço que não falem em mim pois eu nada fiz». A Humildade é uma força poderosa! Quantos ao ler aquele desabafo, tão cristão, não redobram de esforços pela Campanha?!

Não é sempre. Mas lá de vez em quando aparece a apaixonada ou apaixonado que pede ao primeiro e «não» e ao segundo e ao terceiro e mais e mais. Perde a fé. Diz mal do mundo. Desanima. O tempo passa. Mas eis que sente outra vez forças. Recomeça. Ouve um «sim». O primeiro! Fica satisfeito. Exulta. Continua mais e nada! Ninguém acode à chamada. Foi só um. E foram tantos e tantos os chamados. Só um! Realmente a muitos sucede assim. As suas cartas dão testemunho. Tanto esforço e tão mal recompensado? Não senhor. Um assinante, produto de tamanha dedicação e tamanho sacrifício tem um valor extraordinário. Porquê? Por via do sacrifício.

Júlio Mendes

— Continua na 3.ª página —

O que nos dão no Tojal

Se o modo habitual de quem nos dá inclusive a rubrica obrigatória em ordem ao prego e a Caridade aconselhasse, nós, este mês, tomaríamos letras gordas para anunciar a retumbância dos donativos. Mas a Caridade não faz ostentação, diz S. Paulo. Por isso, vai tudo conforme chegou, em silêncio e tão sorratamente como o andar do Sr. Senhor, que subiu ao Paço Patriarcal e, sem dizer quem era, ali deixou cem contos com destino à Casa do Gaiato. É, por certo, alguém que anda inquieto e faz suas as mágoas de tantos abandonados! É no silêncio que a esmola adquire valor eterno, e não no bulício do mundo. A esmola apregoadada

Do que nós necessitamos

— Continuação da segunda página —

bina. E uns saquinhos e lenços feitos de bocadinhos de pano vário, tão amorosos e graciosamente, que eu tenho esta prenda aqui no escritório, para me dar a consoladela de os mirar e remirar de vez em quando, de tanto que aprecio as coisas feitas dos restos que se costumam deitar fora por inúteis e têm tanto préstimo, se alguém os toca com amor.

Lembro mais a quem tiver sobretudo e gabardines arrumados que há aqui muitos friorentos à espera.

Visado pela

Comissão de Censura

Facetas de uma Vida

— Continuação da 1.ª página —

fez dele o grande apóstolo da miséria e da desgraça, que fez dele o Pai Américo! Não se cansava de trabalhar segundo as normas do Evangelho e, em Coimbra, porque o seu nome servia de bandeira aos arrebatamentos oratórios de um pregador da caridade, queixou-se-me profundamente desgostoso. Aqueles elogios prejudicavam-lhe os seus trabalhos.

Errada tem sido a interpretação, divulgada em certa imprensa, sobre a saída do Padre Américo do Noviciado de Vilarinho, conforme fica explicado. A sua amizade pelos franciscanos não a desmentiu e os excessos de entusiasmo pelo bispo de Limira desculpam-se pela influência exercida no seu retorno à prática da vida cristã. Publicou a imprensa, e por isso não é segredo, o telegrama de felicitações que lhe enviou em 3 de Junho de 1948, concebido nestes termos:

«Se algum dia caiu bem no

nobre e deve continuar a agasalhar os seus pobres.

Em Teixoso já começaram a trabalhar.

E terminamos a viagem a louvar a Deus por tudo quanto operou pela mãos dos homens.

desvaloriza-se, passando a ter somente prémio terreno.

De igual modo, mais outro alguém trepou ao «Novo Mundo» na rua dos Fanqueiros, e muito em segredo, ordenou que a Casa do Gaiato ali fosse levantar 50 cobertores de lã,

POR PADRE BAPTISTA

outro tanto de camisolas, lenços, calções, peúgas e sapatos! É de facto para novo mundo, que o actual se encaminha — o da Caridade. Só este será o melhor. Admiramo-nos, não tanto por estas e outras idênticas quantidades, mas sobretudo, pela oportunidade, que revela autêntica comunhão de sentimentos — fruto exclusivo da Caridade. «O Bom Pai Américo verá com alegria este inverno mais alguns dos seus protegidos agasalhados».

Tem sido constante o chegar de roupas e roupas, que se põem logo a uso. Pôr logo a servir, significa que não havia, ou pelo menos em fracas condições de ser utilizado. Por isso não julgemos que nos cansamos de receber.

Seguem agora muitas migalhas vindas de todas as mesas e que nós recolhemos como coisas sagradas.

Da LOC do Beato 50\$. Em acção de graças 70\$00. «Por alma de meus pais», 50\$. Outro tanto da Junta Nacional dos Resinosos. Da Mobil Oil

peito de um Homem uma condecoração, foi aquela que o Ministro das Colónias deu, em nome do Governo, ao Bispo de Limira. Aqui vai toda a minha simpatia. P. Américo».

Em Outubro de 1950 enviou-me «O fundamento da Obra da Rua e do Teor dos seus Obreiros», acompanhado das seguintes palavras:

«P. Américo oferece ao Senhor D. Rafael, que também é responsável e participante da Obra da Rua».

Em Novembro de 1951 também me ofereceu «Regulamento do Património dos Pobres» e «Lares da Obra da Rua», com um bilhete de simples saudades:

«Meu Excelentíssimo Amigo Senhor D. Rafael: Com muitas saudades e saudações. Padre Américo».

Fui à igreja da Trindade, no Tojal, e à Capela da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, rezar e celebrar missa por alma do P. Américo. A minha presença foi uma prece e uma súplica de graças, num preito de muita saudade à memória daquele de quem na vida havia sido um grande amigo.

† Rafael, Bispo de Limira

mensalmente nos vem quantia certa de gasolina e da Sacor, de vez em quando uma torrente de petróleo.

Um sacerdote meteu-nos na mão 50\$00. À porta duma Igreja de Lisboa 500\$. Da Covilhã um «petromax» para as colónias de férias. A devoção pelo bem estar dos nossos rapazes é permanente, 200\$00. Os empregados da Mobil Oil prosseguem com 1.075\$00 e 2.226\$. De S. Pedro de Sintra em memória do Pai Américo, mil escudos. Do casal de Arroios duas vezes cem. De H. M. 160\$. O Pessoal da Nestlé torna com 187\$. Parei, aqui há tempos no Montepio, e meti na V. W. um monte de embrulhos com coisas. Estava ali também lista com 1.231\$. Os senhores descansem, porque tudo nos foi entregue. Desde a fundação da nossa Casa de Lisboa que a Direcção do Montepio nos facilitou a guarda de donativos. Em boa hora nos abriu as portas, que continuam de par em par. É, pois, lugar certo onde vamos, de quando em vez, informar-nos na Secretaria se há embrulhos.

Seguem três notas, uma de cem, outra de vinte e a terceira de cinquenta. A proveniência é de todas as condições sociais, porque a caridade não é exclusiva de tantos. Duml farmacêutico 50\$ a dizer que é a primeira de muitas migalhas. Da Beira Baixa igual soma. Do seu primeiro ordenado alguém nos deu 100\$. Outro alguém que viu, fez o mesmo. De L. H. 20\$. Aparecem de novo «dois jovens quaisquer» com 300\$00. A vida desta juventude que regularmente se debruça sobre as necessidades do próximo não pode ser vulgar, longe de ser qualquer. Dum sacerdote dos E. U. A. mil escudos. Parcelas de 120\$00, 50\$, 95\$, 100\$, 20\$, 89\$. Percentagem duma gratificação extraordinária, 100\$.

Outra vez mil escudos. Ao lado destes 70\$. Alguém da capital envia 500\$ para sufrágio da alma de seus pais. Satisfeito o pedido. De novo 100\$, mais 200\$. Dos empregados do Crédito predial 170\$.

O Grilo tem ido às Caldas da Rainha todas as quinzenas. Ora, nós muito devemos à Direcção dos Capristanos, pelo bilhetes, que o têm levado e trazido. Se assim não fora, ele ia vender, mas tornava de mãos vazias. Assim não. Também ali fomos pedir em Outubro passado e os nossos rapazes trouxeram 4.331\$00. Em Cascais, o Padre Horácio colheu cerca de 30 contos no peditório que ali fez. Bem haja. O peditório dos Mártires em Lisboa andou por 4.332\$40.

Quem nos dá sabe que preferíamos não ser preciso receber, por não haver quê a remediar.

ADQUIRA O LIVRO «BARREDO»

Pedidos à Editora: — Tipografia da CASA DO GAIATO - Paço de Sousa

SETUBAL

— Continuação da primeira página —

Aqui, porém, trata-se de viver, de ócio, de ausência de ambiente familiar. O pai vive as horas do dia fora de casa, no trabalho e a mãe, se a fábrica abre, não perde o dia.

É mesmo a falta de ambiente familiar a raiz do problema infantil. Casas pequenas com dependências exíguas e sem higiene; pouco conforto; fraca alimentação, ou melhor, deficiente em certas épocas do ano, quando os rendimentos oscilam, o que na vida marítima se verifica vezes sem conta. Os pais extenuados pelo trabalho não podem dar aos filhos o carinho que a estes pertence. E até o facto de os pais não permanecerem em casa, origina um regime de liberdade para os filhos que os torna laxos na sua conduta, preferindo a rua ao lar.

Trata-se evidentemente dum problema de regresso ao lar por um amparo económico e educativo à família para uma verdadeira formação da infância.

Por muito que queiramos colaborar não nos pertence ir muito além. A nossa casa é lar para quem nunca o teve, nem tem, por falta de pais que o fundem. E neste caso aquele aqui encontra o que não possuía. Entrando, fica. A casa é dele. É filho. Tudo lhe pertence. Se quiser, sairá apenas quando homem, para constituir o seu lar.

Ora, as crianças de Setúbal, na quase totalidade possuem lar com pais e muitos irmãos. Resta que ele seja o lugar onde a criança possa e goste de viver. O problema da salvação da infância, havendo família organizada, não está na dispersão dos membros desta, levando-os para um internato mais ou menos adequado, mas tornar o lar de modo conveniente. Os pais são por lei natural insubstituíveis educadores dos filhos. Quem se colocar no lugar daquele é remendo. Ora nós não desejamos ser remendo velho. Basta sê-lo nas situações que são cada um dos nossos rapazes. Problemas como o da habitação, da industrialização em maior escala e funcionamento permanente, urgem solução rápida.

x x x

Quero aproveitar este cantinho de Setúbal para apresentar a parte positiva da nossa conta corrente. São ainda muitos os dias em branco. Contudo, a panela da sopa não pode sê-lo. Por isso encarecemos que olhem também para Setúbal.

Dos vicentinos 250\$00. Trata-se de pobres a repartir. Um amigo certo faz correr para aqui cobertores e camisolas. A Quinta do Anjo visita-nos frequentemente. Na última vez entregaram 62\$80 e garrações de vinho. Das fábricas de conserva, caixas e caixas de peixe. Habitualmente temos conserva ao almoço e conserva ao jantar. De visitantes 100\$ e 10\$. Mais lã, e bolas e jogos. No «Setubalense» uma nota de cem.

Sabendo que utilizamos lenha e que dela precisamos, todos nos mandam. Mas, logo que aquela chega arde e ardeno torna a não haver. Não se cansem, pois, de mandar.

Mais um saco de castanhas para o S. Martinho. De Africa mil. Tão longe e já deram fé de Setúbal! O peditório em S. Julião somou 2.342\$60. À porta da igreja, roupa e promessa de mais. Por último, ponho aqui um recado do Crisanto: que não mandem mais camisolas para ele. Visitantes viram-no sem nenhuma e tiveram dó. Uns fizeram, outros compraram e ele juntou porção de cuidados. Hoje está servido. Mas, porque Chefe e portante com o cuidado dos mais, acrescenta que mandem mais, para os mais.

Padre Baptista

Tribuna de Coimbra

Na nossa passagem por terras do Alentejo, a todo o passo encontramos em dias de semana grupos de homens, novos ainda, à porta das tabernas, nos largos públicos, em frente aos cafés, mãos nos bolsos, fatos domingueiros, chapéu na cabeça.

Intrigados, perguntamos aos nossos companheiros de viagem se era domingo, ou dia santo, ou dia de festa, ou feriado na terra. E respondem-nos que não têm que fazer: «não há trabalho».

Nós, que nascemos nas Beiras e conhecemos as regiões do Norte, ficamos ainda mais espantados e tornamos a perguntar:

— Então no norte os terrenos são mais pobres e muito mais densa a população e toda a gente tem que fazer e quem o não tem vai à procura... E no sul os terrenos são todos aráveis e de bom

amanho, há muito menos gente, a terra mais forte e mais produtiva e esta gente não tem que fazer?

E de novo nos respondem: — na parte do norte a terra está mais dividida, cada um procura mais zelar aquilo que é seu e por isso mais amor ao trabalho, mais responsabilidade social, mais formação religiosa, mais dignidade humana.

Na zona do sul a terra é de meia dúzia de proprietários que geralmente vivem fora de casa e entregam as suas terras a feitores, muitas vezes sem formação alguma, que se limitam a tratar meramente dos seus interesses, sem escrúpulos sequer em explorar a pobreza dos outros, pagando míseros salários e não se preocupando com a habitação e viver dos seus trabalhadores.

— Continua na quarta página —

Chales de Ordins

A Exposição Agrícola, no Porto, findou. Um mundo de gente curiosa, interessada, passou por lá. Há muito que se ansiava por conhecer a manufatura dos Chales de Ordins. As nossas tecedeiras compareceram com os seus quadros-teares. Uma levou também a derradeira filha que o Senhor lhe deu. A criança no bercinho atraía as atenções de todos. Era um quadro ao vivo. Assim acontece em Ordins. As tecedeiras trabalham em suas casas, com os filhos à roda. Não abandonam o lar, onde são rainhas.

Na Exposição fomos alvo de todas as deferências. O nosso agradecimento profundo a quem nos convidou, ajudou e colaborou conosco. Não podemos deixar de, especialmente, destacar a Mocidade Portuguesa Feminina que presidiu à venda dos Chales, sacrificada, generosa e desinteressadamente. Bem haja a todos. Do Palácio de Cristal trouxemos 93 encomendas e vendemos um mundo de chales. S. Pedro do Sul, envia 500 para 5 dos médios: pensando em agasalhar os irmãos mártires da Hungria, temos de pensar nos nossos pobres: solução — Chales de Ordins. Igualmente para a Caritas Portuguesa pedem três Chales pequenos. Lisboa e Porto um. Que Deus nos proteja e nos livre de semelhantes horrores.

Pequenos (65\$00): várias pessoas de Lisboa vêm por 12 deles. Estes chales, diz uma, permitem-me (e aos outros) fazer bem duas vezes — ajudar as mulheres de Ordins e os pobres de cá. O Porto aparece com três encomendas. E pedidos de duas há-os de Coimbra, Hospital de Nazaré, Lamas (Sátão), Vale de Cambra, Tomar, Madalena (Gaia) e Alijó. Marcam também presença com o seu chale: Alcobaca, Martingança, Barcelos, Viseu, Seica, Crato, Chaves, Valado dos Frades, Cerdeira, Aveiro, Salgueirais (Celorico de Bastos) Aguada de Cima (minha filha, a quem o prometi, não me tem sossegado desde que lhe falei nele), Odivelas, Chelo (Penacova), Caldas da Rainha, Canelas (Gaia), Fundão e Gaia.

Médios (95\$00): começa agora a corrida aos médios. Até parece a «Volta a Portugal». S. Braz de Alportel (Algarve) vai à frente com 10 e uma nota grande. São para os pobresinhos nossos irmãos. Até na escolha das cores discretas se manifesta o amor. Segue-se Lisboa com outros tantos. De alguém: peço-lhe que creia na sinceridade da admiração pela sua obra como a de outros Padres que em condições semelhantes trabalham por esse país. Eu era, e sou, um admirador do saudoso Padre Américo. Fui hóspede da Casa do Gaiato e sinto essas obras sociais. Por isso as admiro, apesar de não ser crente. Só a verdadeira Religião vivida nos dá a faculdade de avaliarmos as cousas na sua justa medida. Ela nos elevou à altíssima dignidade de Filhos de Deus e herdeiros do Céu. Só Ela abre aos crentes clareiras de Fé, Esperança e Amor, que mais ninguém conhece.

Coimbra e Braga cá vão com três cada, logo seguidos de Veiros com dois. Levam o seu

Torres Vedras, Viseu, Fundão, Arcozelo da Serra, Fronteira (Alentejo), Mogofores, Avelar, Bragança, Mazouco, Santo Tirso, Crato, Barrancos, Melres, Aveiro, Gaia, Covilhã, Praia do Ribatejo, Tamanhos e Caldas da Rainha.

Grandes (125\$00): Lisboa adianta-se com as suas 11 encomendas, seguida de Nisa, S. Tiago de Cacém e Porto com duas, colaborando convosco na vossa maravilhosa obra dos arzetanatos e desejando que, pelo trabalho material, conquistem as almas para a vida eterna. Deixar-se conquistar pelo Amor ou Graça de Deus e conquistar as almas para o mesmo Amor Incriado tem de ser o alvo das nossas acções, até das mais insignificantes e materiais, sob pena de falharmos.

Os senhores já sabem os preços. Os vales são para a Conferência de S. Vicente de Paulo — Ordins — Paço de Sousa. As medidas dos chales tiradas em diagonal nos quadros-teares são: 1,43 para os pequenos; 1,86 para os médios e 1,98 para os grandes. As cores: branca, rosa, azul celeste, castanha clara e escura, cinzenta, cardinal, azul marinho e preta. Pedem-se direcções legíveis e apenas com o indispensável. À cobrança, não peçam, porque em Ordins agora não há tempo a perder.

Padre Aires

Tribuna de COIMBRA

— Continuação da 3.ª página —

O trabalho agrícola abunda em quatro épocas: a apanha da azeitona, a ceifa do trigo, a monda, a cava das terras. Fora destes períodos o trabalhador rural não tem que fazer. E não tem que fazer, porque não tem terreno onde cultive uma horta, onde semeie os seus mimos, onde plante umas árvores. Não tem nada que o prenda e daí, o seu lugar, quando lhe não dão trabalho, são os clássicos lugares dos ajuntamentos, onde se fala de tudo e de todos.

E em todos os tempos e lugares a ociosidade foi e será a mãe de todos os vícios. E em quilómetros e quilómetros seguidos de regiões que percorremos, raramente encontramos uma árvore. Terrenos e terrenos por amanho. Porquê?

— Por que os proprietários não necessitam daquilo.

Em Beja informaram-nos que poucos dias antes estiveram ali os Senhores Ministro das Obras Públicas e Sub-Secretário da Assistência a estudar precisamente o problema do povo do Alentejo.

Parece que os nossos Homens do Governo pensam e andam empenhados na irrigação daquelas terras.

Que fertilidade! Que riqueza nacional! Que justiça social para aquele povo!

Que esse dia venha breve e que todos os particulares sai-

Cristo agoniza a nosso lado

Por delicadeza, não entrara. Ficava-se sentada na escada de pedra. Quando me viu, levantou-se, muito a custo. Convidei-a a entrar, mas os seus 80 negaram-se a subir de pé os degraus. Teimando, sobe de gatas. Ajudo-a e faço-a sentar na sala de visitas. Quere a porta aberta, de ofegante que está. Nunca assim a vi tão aflita. Não era só pela habitual «senha de carne» que vinha. Queria falar. Sofrendo de bronquite, cardíaca e hepática, queixava-se, agora, doutro mal: sentia-se esfoveada. Precisava de se alimentar, a pequenos intervalos, mas não tinha quê. Queria que escrevesse aos seus, a ver se mandavam alguma coisa.

Quando voltei junto dela, com papel e tinta, fui encontrá-la sentada na soleira da porta. Faltava-lhe o ar.

A carta foi. Já não é a primeira vez que lhe escrevo. Talvez me achem importuno. Talvez agora se comovam. Por causa deste talvez, escrevi. Que venha o agora, o momento da piedade filial e, juntamente com o auxílio da nossa Conferência, Lactário e «Serviço de carne», esta pobre Mãe não precisará de mendigar. Que ela não precisava da nossa caridade, se os seus cumprissem o seu dever de justiça e amor.

O correio trouxe carta. Carta magoada, negando o que meus olhos viram. Dentro 50\$00. Como isto nada resolvia, propus à família duas modalidades de ajuda à velhinha. Mas não tive resposta, e bem a pudera ter.

Há dias visitei-a. Sentada ao sol escaldante de trovoadas, remendava. À sombra não, que tinha muito frio. A palidez da face denunciava doença. Era quase meio-dia e não havia lume na lareira. Não havia lenha. Nem ela a podia buscar no monte, nem o filho com quem vive. Naquele dia rachou-se a pá do forno para se fazer o caldo.

Padre Aires

bam reconhecer o bem comum donde irradia a paz.

Foi e será sempre a união que faz a força. Sem a união de todos, dos ricos e dos pobres, dos que governam e dos que são governados; sem esta união não teremos os nossos problemas nacionais resolvidos, embora a acção e boa vontade dos nossos governantes seja grande e a necessidade e dignidade e os direitos do nosso povo sejam eminentes. O Alentejo está em crise.

O nosso Pai Américo atreveu-se a fazer um dia esta pergunta: «Virá a salvação do Alentejo?»

É o que nós perguntamos e esperamos.

Padre Horácio

CALVÁRIO

Por mais que queiramos poupar o espaço, por graça de Deus tão escasso para o tanto que há a dizer, não podemos furtar-nos a estas expansões de alma que são a moldura de cada donativo. Isto é o inédito do Gaiato. Não é a lista enfadonha do Ex.º Senhor e da Ex.ª Senhora, apresentados com muitos adjectivos. São desabafos íntimos que dão alma à esmola material.

«Precisava de deixar de fumar porque me faz muito mal. Já pedi ao Padre Américo que me desse a força precisa para dominar o vício, mas não tive a felicidade de ser ouvido. Nas vossas orações peçam também porque eu quero destinar 50\$00 do fumo (por mês) e enquanto puder, para o «Calvário».

«Junto já os primeiros na esperança de obter a graça».

«Junto 30\$00 para o «Calvário» e peça a Deus que me mostre qual o Caminho que quer que eu siga».

«Como tenho sido sempre, desde o berço, uma vencedora da doença e da vida, embora sem tal parecer, — senti desde a primeira hora um grande entusiasmo pelo «Calvário». E que nome! Por isso, as minhas esmolos, feitas com sa-crifício, são agora sempre para lá.

Aí envio 100\$00 do meu primeiro e tardio ordenado, e outros 100\$00 dum a aflição que Nossa Senhora de Fátima me ajudou a vencer. Se puder peça 2 Avé-Marias a dois doentes do Calvário, para alcançar o que tanto necessito e não é só para meu bem».

Quem pensa e sente como esta «assinante da casa dos cem», atingiu a essência do cristianismo: nenhuma graça é só para seu bem.

Depois, são outros testemunhos de delicadeza: «Para o «Calvário», com a maior devoção, aqui vai a minha ligadura de operada». Não é a ligadura que vale. É a «minha» com a maior «devoção».

«De linho que serviu o Senhor no Altar, e agora O vai servir nos seus membros doentes», muitos e muitos retalhinhos para pensar feridas. Oh querido dogma do Corpo Místico, fundamento real do amor fraterno em Cristo.

Entregue aqui, um relicário para levar a Sagrada Comunhão aos doentes acamados. De algures, uma lembrança do passado de que alguém se desprende: 5.000 reis em ouro de D. Maria II e uns brincos.

Outro capítulo e a mesma beleza no dar: «Estes 20\$ foi o único dinheiro encontrado na carteira de minha saudosa Mãe, após o seu falecimento. Não sei que melhor destino lhe desse». E os funcionários da Central Telefónica do Porto mandam 1.574\$20 «para sufragar a alma do Reverendo Pai Américo cujo aniversário natalício se passava agora».

É a vez dos perseverantes: um mês, outro mês... sempre. Vinte «referentes a Novembro duma doente para doen-

tes»; cem do que vive «amando os homens por amor de Deus, por inspiração do querido Pai Américo»; e o mesmo «de alguém que muito quer à Obra e pouco lhe pode dar».

De Bragança, roupa de cama e de vestir, mais 500\$00. «É tudo ofertado de alma e coração». Cem de E. A.; metade «sufragando a alma da minha querida mulher no 10.º aniversário da sua morte». O tempo passa, o amor permanece. Tudo quanto vai dar ao Espelho da Moda e ao Lar. Do Porto 50\$ e o dobro de «Uma tripeira» e umas «roupinhas que podem ser usadas sem receio por uma velhinha». «Um migalhinhas» de 500\$, de Lourenço Marques. «Uma Mãe», de Espinho manda um lençol e 50\$00. O mesmo de Pinhel. «Sei que esta insignificância é uma gota de água. Tem apenas o merecimento de não ser para mim, viúva e numa triste situação». Calvário é para beróis e heroínas como esta viúva de Pinhel.

Restos de assinaturas e pagamentos à Tipografia. Trinta «duma pecadora» que manda mais 20\$ para as «Criaditas dos Pobres» e 50\$00 prá viúva do «Verdadeiro sentido de bemfazer». E 200\$ de «uma Mãe e esposa, pelas necessidades tão grandes da sua casa».

CRIADITAS

— Continuação da 1.ª página —

bilidade Pai Américo foi recolhido ao Seio de Deus. Pelo exercício dela as Criaditas não-de-dispor as crianças que agora as ocupam, e os pais, para o mesmo destino.

Depois da Missa foi a visita às Casas. Não houve convites, mas os amigos não precisam deles.

A escola, o balneário dos mais pequenos, as canastras onde eles dormirão suas sestas, e as cortinas de retalhinhos de chita, as «célebres» cortinas que já fizeram dizer a um dos nossos rapazes que as noivas deles deviam ir ali aprender Pobreza e Beleza, coisa que as vistas do mundo só raramente sabem conciliar — foram o enlevo de todos.

Depois, a queles terreiros abertos ao sol e ao rio, onde nos dias bons as crianças do bairro não-de-brincar. Tudo pequenino, como é próprio das obras de Deus, que principiam sempre por ser grão de mostarda!

A esta hora o Infantário 6 já a realidade viva que Pai Américo sonhou. O grão de mostarda vai morrer. Por muito tempo perder-se-ão os ecos da sua história. Um dia havemos de saber quão extensa foi a sombra da árvore em que o pequenino grão se tornou. Havemos de encontrar todas as «avezinhas do céu» que ali acharam um abrigo libertador das armadilhas em que o mundo é pródigo.